

\* 3 DEZ 1997

Educação

# O desafio da escola

CORREIO BRAZILIENSE

Wander Soares

Quando se fala em resolver “o problema” da educação, não se pode pensar que a solução é simplesmente colocar mais 2,7 milhões de crianças na escola, como prevê o programa do governo. A questão é muito mais ampla, conforme ilustram alguns dados da Organização para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), que classifica o ensino brasileiro como um dos mais deficientes do mundo. O analfabetismo atinge 19,6% dos brasileiros acima de sete anos; vinte milhões de jovens com mais de 14 anos são analfabetos; cinquenta milhões de adultos não passaram da primeira série do 1º Grau, sendo classificados como analfabetos funcionais; dez milhões de crianças entre três e seis anos — num universo de 14 milhões — não freqüentam a pré-escola e de cada cem matriculadas no 1º Grau, somente 33 concluem a oitava série.

Há, entretanto, dados que ampliam as dimensões do problema. A média de escolaridade no Brasil — 4,5 anos por pessoa — é de causar vergonha, especialmente se comparada com a de outros países considerados igualmente emergentes:

Chile (7,5), Argentina (8,7) e Coréia do Sul (9,3). Diante da realidade inquestionável, fica muito claro que o Brasil tratou o ensino com extremo descaso ao longo desta segunda metade do século. Resgatar um erro histórico é responsabilidade vital da nação, que extrapola as metas governamentais e exige recursos financeiros infinitamente superiores aos que a capacidade de investimento do combalido orçamento da educação torna disponíveis.

O cumprimento de um objetivo de tamanha envergadura passa, necessariamente, pelo engajamento da iniciativa privada, entidades de classe e sociedade civil organizada, pressupondo-se, assim, um processo amplo de mobilização. Diante disso, é preocupante o fato de se subestimar a dimensão do problema e de numerosos líderes empresariais colocarem como meta única do ensino a formação de recursos humanos para o comércio, indústria, agricultura e serviços.

A meta governamental está aquém da realidade, e o discurso empresarial é politicamente incorreto. A educação é um dos itens mais

incisivos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, cujos princípios foram encampados pelas constituições da maioria dos países, inclusive o Brasil. Portanto, supor que o ensino se limite, única e exclusivamente, à escolaridade básica ou ao atendimento da demanda de recursos humanos qualificados é uma simplificação inaceitável. O ideal filosófico de que a educação é o meio de levar o ser humano à busca da perfeição não pode ser ignorado.

De fato, o ensino tem um valor econômico passível de ser mensurado. Não é desprovida de sentido a relação entre progresso econômico e níveis de educação. Já se tornou clássico o exemplo do Japão, que, proibido pelas cláusulas de rendição na Segunda Guerra Mundial de ter exército e de produzir armas, canalizou toda a sua potencialidade para educar o povo. O resultado é o que se vê. Hoje, o país tem um PIB superior a US\$ 5 trilhões, o segundo maior do planeta.

O planejamento do desenvolvimento econômico e social é inseparável do educacional. Não há como elaborá-lo isoladamente. O ensino

não é apenas um meio para suprir as empresas com mão-de-obra qualificada. É um fim específico, um direito intrínseco à cidadania, que, ao ser atendido, contribui automaticamente para o desenvolvimento.

Se o objetivo do desenvolvimento sócioeconômico é uma vida mais digna e justa para todos os que buscam participar das oportunidades derivadas das potencialidades do país, evidencia-se a necessidade de se ordenar e acelerar o acesso à educação. Embora até pouco tempo atrás fosse considerado um investimento social de muito longa maturação, o ensino — na projeção do Brasil para o século XXI — tem de assumir o status de verdadeira operação de guerra, na qual deveremos todos nos envolver para que os resultados possam ser sentidos no curto prazo. Vencer o desafio da educação é fronteira mais decisiva que o país deverá transpor para ingressar no Primeiro Mundo.

■ Wander Soares, economista e professor, é vice-presidente da Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros) e diretor da Editora Saraiva